

Pandemia digital: reflexão em torno do impacto do uso das plataformas de aprendizagem na Universidade Púnguè em tempos de COVID-19

Juma Manuel, Álvaro Zacarias & Albano Munacachuma Pedro³⁰



Resumo

Este artigo procura desencadear uma reflexão em torno do uso das plataformas digitais no processo de ensino/aprendizagem na Universidade Púnguè por conta da pandemia de COVID-19, apontando, naturalmente, os contornos do impacto dessa modalidade de ensino. Em termos metodológicos, o estudo foi concebido tendo em conta uma pesquisa exploratória e bibliográfica, materializada por meio de aplicação de um questionário dirigido a 1349 estudantes dos cursos de licenciatura da instituição. O resultado do estudo feito permite-nos concluir que a maior parte dos estudantes apresenta algum cepticismo quanto ao papel das plataformas digitais para a sua aprendizagem, pelo que se sugere o aprimoramento desta modalidade de ensino e consequente preparação tanto dos estudantes como dos professores em matérias de prática pedagógica usando ferramentas tecnológicas.

Palavras-chave: Plataformas Digitais, Ensino-Aprendizagem, COVID-19, Universidade Púnguè.

1. Introdução

Diante do novo quadro que a COVID-19 impôs não só a Moçambique bem como ao mundo todo, as ferramentas tecnológicas foram convocadas para a superação do modelo tradicional de ensino e garantir a continuidade das actividades lectivas nas instituições de ensino, sobretudo no ciclo superior. No entanto, tendo a Universidade Púnguè, com sede na cidade de Chimoio, decidido por seguir a orientação de prossecução de aulas através de plataformas virtuais, o presente estudo procura avaliar o impacto do uso dessas plataformas na aprendizagem dos estudantes.

Face ao cenário acima aludido e com o intuito de melhor analisar o efeito da plataforma digital no contexto educativo, administrou-se um inquérito a 1349 estudantes, cerca de 23% da população estudantil da instituição, sendo 65% do sexo masculino e os restantes 35% do sexo

³⁰ Universidade Púnguè, Moçambique

feminino. Quanto à modalidade de ensino, do universo de respondentes, 21% foram do regime à distância, 52% do laboral e 27% do regime pós-laboral.

Este estudo avaliativo revelou que os estudantes da Universidade Púnguè estão cépticos quanto ao efeito das plataformas digitais no ensino, pois para eles vários factores ligados sobretudo à inacessibilidade à internet e ao fraco domínio das ferramentas condicionam o curso normal das actividades lectivas, conforme elucidam as respostas constantes da secção relativa ao grau de satisfação dos estudantes relativamente aos aspectos didáctico-pedagógicos em época da pandemia de COVID-19.

Para melhor leitura e compreensão do texto, o artigo apresenta para além da parte introdutória um breve rasteio teórico sobre o uso das plataformas digitais no ensino, seguindo-se a parte em que se destacam a apresentação, análise e discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais.

2. Uso das plataformas digitais no ensino

Este tema tem interessado a muitos pesquisadores com veia para a educação inclusiva e qualidade do ensino à distância. A título de exemplo, Vianna & Ferreira (2018), dissertando sobre o uso das plataformas digitais na educação, avançam que “a introdução de novas tecnologias, tais como o ambiente virtual de aprendizagem ou a educação on-line podem colaborar para minimizar as desigualdades de oportunidades escolares” e, conseqüentemente, “significar a melhoria da qualidade da educação a distância (EaD) ou mesmo da educação presencial”.

Em Moçambique, com o advento da COVID-19, as práticas lectivas sofreram um grande revés, tendo sido identificada a tecnologia como a melhor alternativa para a área da educação. Aliás, como se sabe, o impacto do desenvolvimento tecnológico também se reflecte no ensino/aprendizagem, pois representa “uma realidade que se impõe na sociedade e na escola, exigindo que a última integre no processo educacional as novas tecnologias” (Santos, 2005).

A ideia de uma sala de aula com os alunos sentados acompanhando o que o professor diz passou a não condizer mais com a realidade imposta pela paralisação de aulas presenciais por conta da pandemia de COVID-19. Em conseqüência, as plataformas digitais foram a saída mais viável para assegurar a continuidade das actividades lectivas, já que “as novas

Tecnologias digitais estão cada dia mais presentes em nosso cotidiano e nos trazem muitas influências” (Silva, Prates & Ribeiro, 2016).

Assim, com base na importância que as novas tecnologias têm hoje para a prática pedagógica, os desafios são muitos e vão desde a própria concepção de educação, passando pela formação/preparação dos professores e estudantes e desembocam na implementação de políticas públicas que possam garantir o acesso destas ferramentas com vista a que de facto as plataformas digitais possam auxiliar no processo de ensino/aprendizagem.

Para Giddens (2008), da mesma forma que a imprensa e a cultura de leitura do livro contribuíram para a ascensão da educação moderna, as novas tecnologias da informação (TI), no mundo contemporâneo, podem contribuir para transformar o currículo vigente nas instituições de ensino, uma vez que “ao envolver-se no mundo virtual, o docente poderá exercer com maior eficiência a mediação entre objectivos, conteúdos e metodologias necessárias para estimular no aluno o processo de autoformação continuada” (Vianna & Ferreira, 2018).

Enfim, diante do novo quadro que os avanços tecnológicos têm acarretado para a sociedade e a prática pedagógica, impõe-se cada vez mais uma reflexão sobre os impactos da tecnologia na prática pedagógica já que as dinâmicas das relações sociais exigem, de certo modo, que a escola integre no processo educacional as novas tecnologias, pelo que “é preciso que os professores estejam preparados para o uso da tecnologia no ambiente escolar e conhecer, na medida do possível, as diferentes plataformas existentes e o que elas podem oferecer de melhoria para as condições de ensino e aprendizagem” (Medeiros & Medeiros, 2020).

3. Apresentação, análise e discussão dos resultados

Neste espaço fazemos a apresentação, análise e discussão dos resultados usando categorias estatísticas. Contudo, antes de avançarmos para a análise propriamente dita, impõe-se que apresentemos uma breve caracterização da Universidade Púnguè para contextualizarmos a proveniência dos estudantes que enformam a amostra do estudo.

A Universidade Púnguè, igualmente denominada UniPúnguè, com sede na Cidade de Chimoio – Província de Manica, foi criada a 29 de Janeiro de 2019, através do Decreto nº 4/2019 de 4 de Março do Conselho de Ministros, como resultado da reestruturação da Universidade Pedagógica e fusão das Delegações de Manica e Tete.

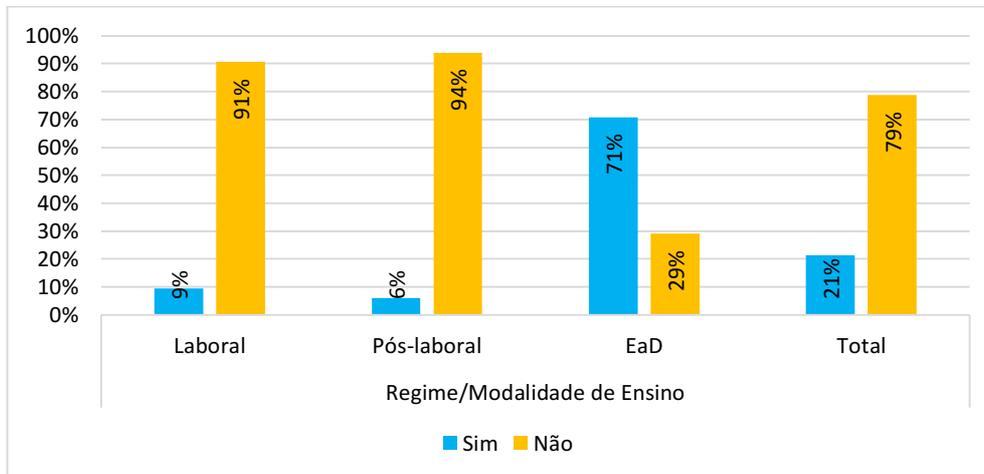
No presente ano académico (2020), a UniPúnguè conta com 6.064 estudantes inscritos (3.479 são do sexo masculino e 2.585 do sexo feminino), distribuídos em três regimes (laboral,

pós-laboral e à distância), sendo que 51,3% dos estudantes (3.112) estão na Extensão de Tete e os restantes 48,7% (2952) na Sede.

Depois desta contextualização, seguem informações relativas ao processo de ensino/aprendizagem usando as plataformas digitais de forma a discorrermos com a devida propriedade sobre as condições com as quais os estudantes estão a interagir com os seus docentes, focalizando assim, entre outros aspectos, os recursos usados, acessibilidade à internet, qualidade da internet, qualidade das aulas *online* e relação pedagógica docente/estudantes em tempos de COVID-19.

O gráfico 1, que apresenta dados ligados à pergunta sobre o uso de um modelo de ensino similar ao actual em ocasiões anteriores mostra de forma clara que os estudantes dos regimes laboral e pós-laboral (modalidade presencial) afirmam ser a primeira vez que têm aulas numa modalidade *online*, contrariamente aos estudantes da modalidade de ensino à distância que, na sua maioria, afirmaram que já vinham trabalhando neste modelo de ensino.

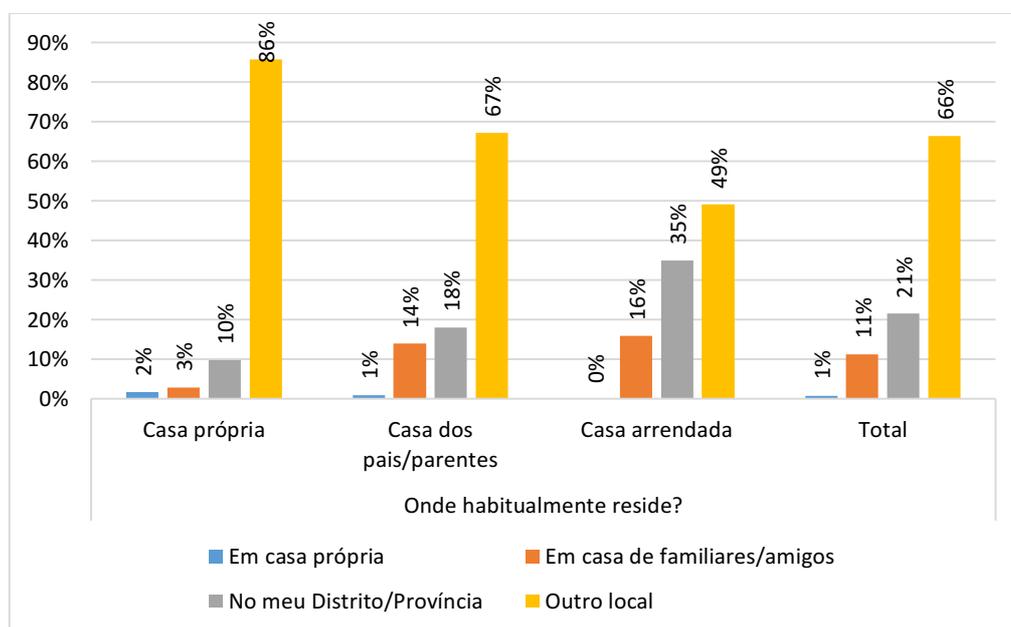
Gráfico 1: Alguma vez tinha tido aulas no modelo de ensino à distância ou aproximado?



Pelo facto de grande parte das universidades moçambicanas concentrarem-se no meio urbano e, em contrapartida, receberem maioritariamente estudantes oriundos de outras zonas (suburbanas e rurais), levando-os a migrarem durante o período de sua formação, com a decretação do Estado de Emergência muitos deles voltaram aos locais de origem onde habitualmente residem com as suas famílias (pais, cônjuges ou filhos). Assim, estando em

locais diferentes dos próximos das cidades e que em muitos casos faltam serviços básicos como o acesso à electricidade, TICs e internet, maior número de estudantes ficou privado de aceder às plataformas digitais para acompanhar as aulas. Em consequência, muitos se viram na situação de ter que recorrer a casas de parentes ou outros locais para fazer face a esta situação periclitante, como bem demonstra o gráfico que a seguir se apresenta.

Gráfico 2: De onde acompanha as aulas durante o período de Estado de Emergência?



Os gráficos seguintes (3 e 4) mostram a tendência e condições de uso de TICs para o acesso às matérias escolares. Ora, no gráfico 3 pode ver-se que o meio mais usado é o celular (smartphone). Já no gráfico 4 é-nos dada a indicação de que os estudantes recorrem constantemente ao WhatsApp para ter aulas e poucas vezes à plataforma CEDIS, que é institucional e adequada para a aprendizagem *online*.

Gráfico 3: Com qual dispositivo você acompanha as aulas usando plataformas digitais?

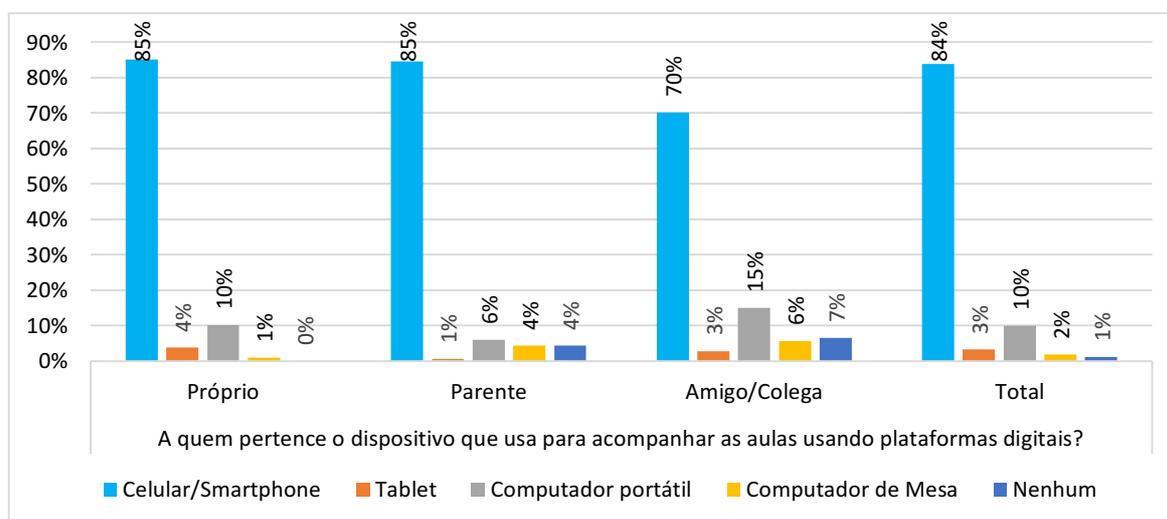
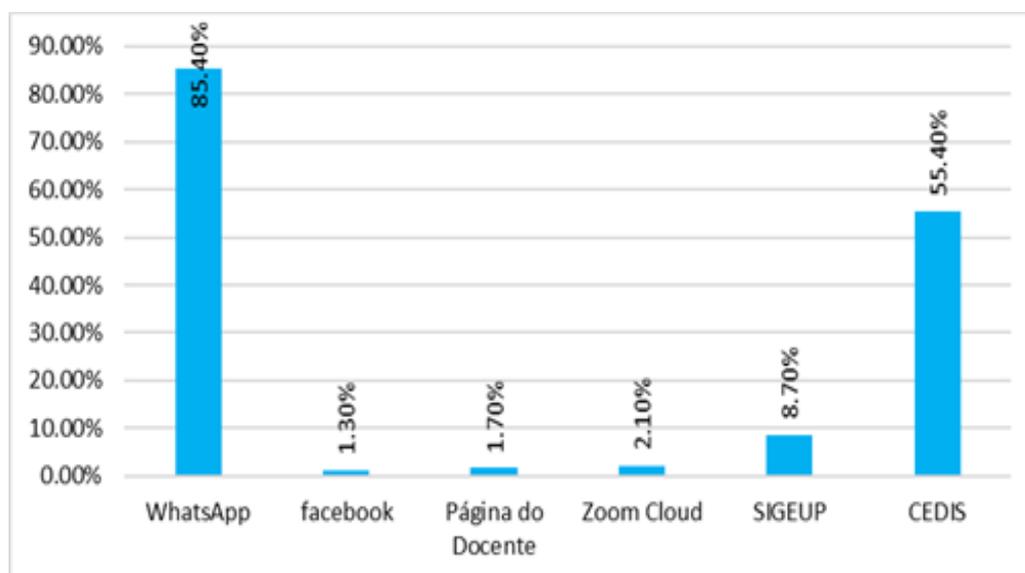


Gráfico 4: Percentagem do uso de plataformas pelo total dos inqueridos



- a. Nível de satisfação quanto à organização do processo de ensino em tempos de COVID-19

Tendo em conta que a conjuntura actual obriga a que o processo de ensino/aprendizagem seja conduzido por meio de uso de plataformas digitais, afigura-se premente, neste espaço, embrenharmo-nos na análise sobre o grau de satisfação dos estudantes relativamente à organização e decurso das aulas com recurso a ferramentas tecnológicas. Assim sendo, quanto à distribuição das actividades lectivas e à adequação do tempo de estudo exigido pelos docentes, grande parte dos inqueridos afirmou estar muito insatisfeito uma vez constatarem que as aulas decorrem de forma atabalhoada, ou seja, poucos docentes cumprem com o horário/tempo previamente acordado para as actividades lectivas, havendo outros que exigem interacção em finais de semana ou mesmo no período nocturno. Os gráficos abaixo (5 e 6) são bastante esclarecedores deste facto:

Gráfico 5: Satisfação com a distribuição das actividades lectivas (horários)

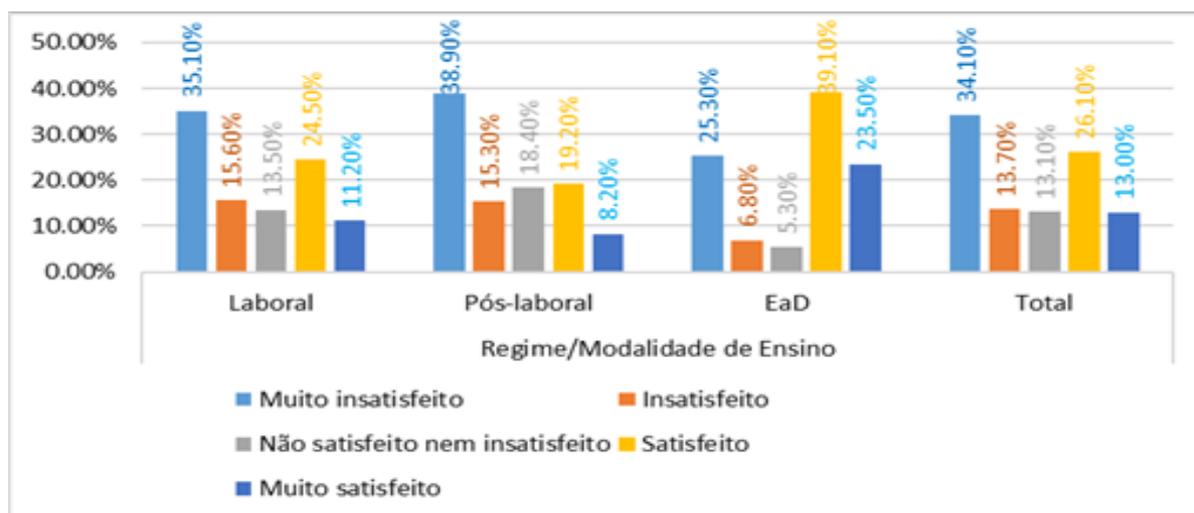
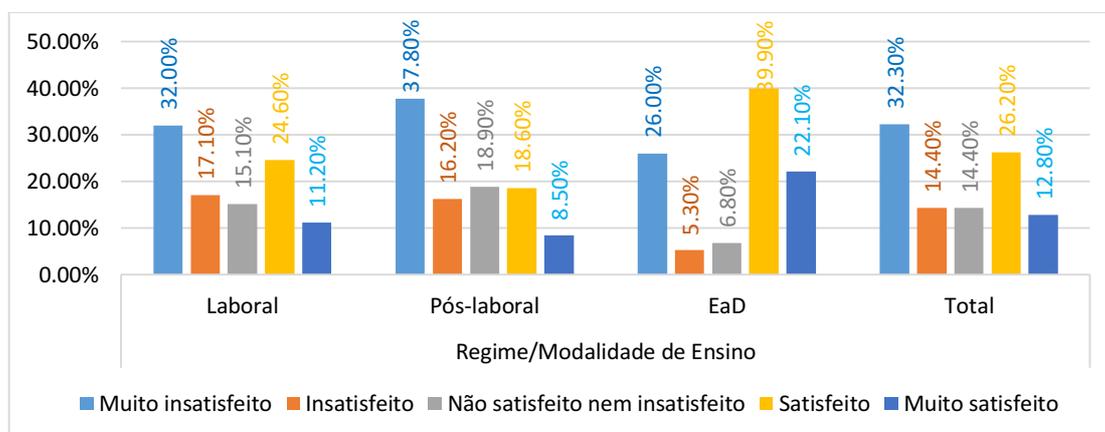


Gráfico 6: Satisfação com a adequação do tempo de estudo exigido pelos docentes



Já relativamente à clareza das actividades orientadas pelos docentes e a sua disponibilidade para debates, os respondentes deram a entender que igualmente estão muito insatisfeitos, o que poderá naturalmente impactar na avaliação final, pois mesmo depois da execução e entrega dos trabalhos pelos estudantes poucos são os docentes que se predispõem a discutir à volta das actividades por si orientadas. Veja-se nos gráficos 7 e 8 a tendência do nível de satisfação dos estudantes quanto ao que ficou dito nas linhas precedentes.

Gráfico 7: Satisfação com a clareza das actividades orientadas pelos docentes

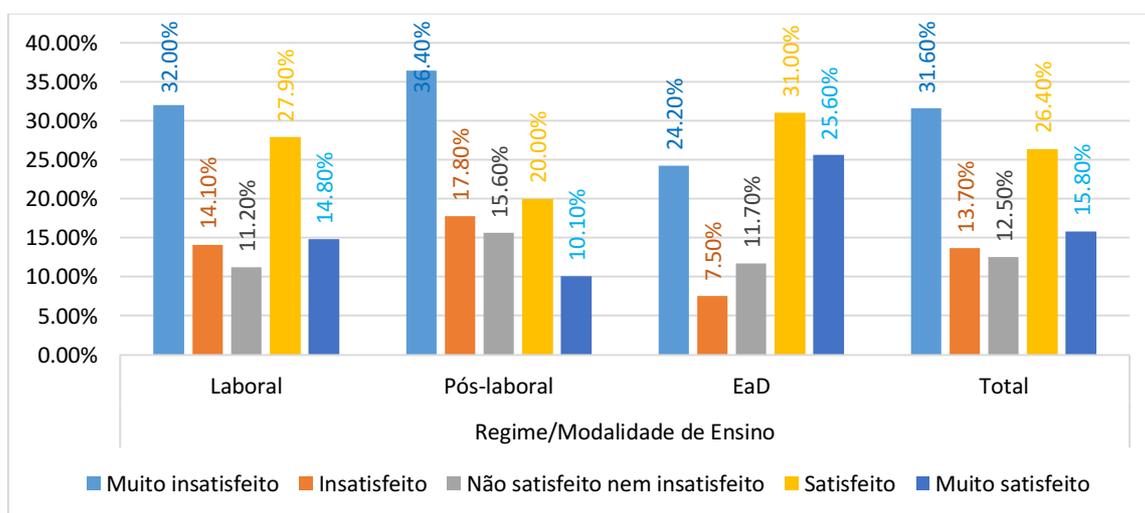
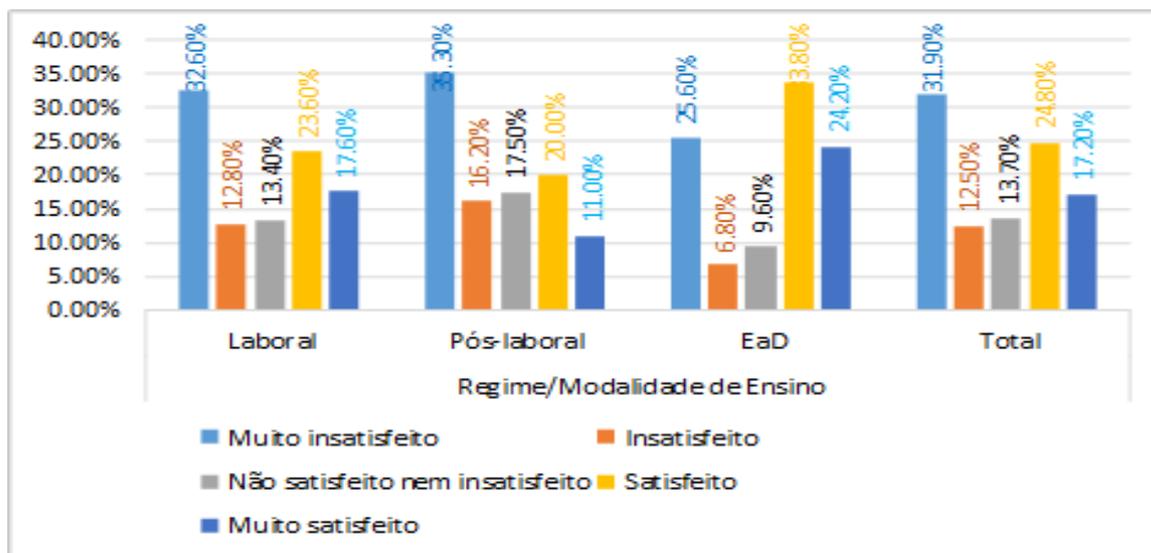
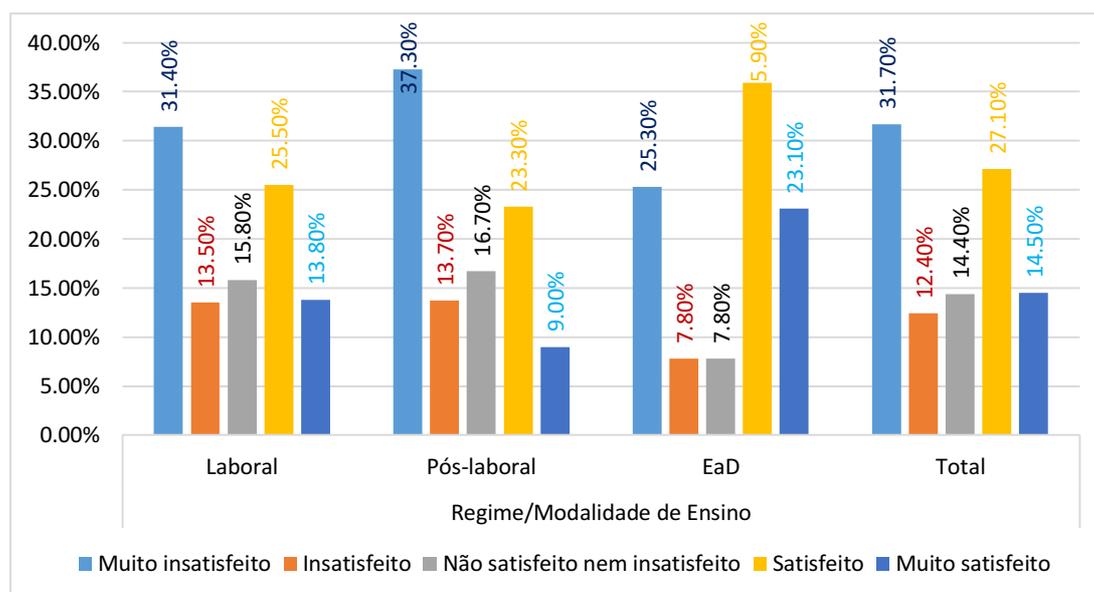


Gráfico 8: Satisfação com a disponibilidade dos docentes para debates com os estudantes



Enfim, no tocante à satisfação com a clareza e sequência lógica das matérias leccionadas em ambientes virtuais, maior parte dos inqueridos manifestou, mais uma vez, estar muito insatisfeito. Aliás, a insatisfação desses estudantes reside no facto de haver uma discrepância no alinhamento dos conteúdos, em contraposição ao que consta do plano analítico fornecido pelo docente no início do semestre lectivo.

Gráfico 9: Satisfação com a clareza e sequência lógica das matérias leccionadas



Considerações finais

Nesta etapa do trabalho cumpre-nos deixar ficar as nossas ilações sobre a análise que encetamos, as quais consideramos identificarem-se com o desiderato inicialmente definido. Assim, com este estudo foi possível depreender que os estudantes apresentam alto nível de insatisfação no concernente ao processo de ensino/aprendizagem em período de COVID-19, destacando-se as questões inerentes à falta de meios adequados para aceder a aulas virtuais, à falta de clareza e sequência lógica nas actividades orientadas pelos docentes e, acima de tudo, o despreparo tanto dos docentes como dos estudantes para lidarem com a modalidade de ensino à distância usando as TICs.

Portanto, com base no que foi constatado ao longo do trabalho, afigura-se importante uma auscultação aos diversos actores da prática pedagógica para melhor definição e actuação em aulas virtuais usando as plataformas digitais. Outrossim, face à fraca literacia digital dos directos intervenientes para lidarem com a modalidade de ensino à distância usando as plataformas digitais, é de todo interessante uma capacitação aos docentes e estudantes no uso das diversas plataformas de aprendizagem.

Referências bibliográficas

- GIDDENS, A. (2008). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Retrieved from https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod_resource/content/1/Anthony_Giddens_Sociologia.pdf
- MEDEIROS, M., & MEDEIROS, A. (2020). Educação e Tecnologia: Explorando o Universo das Plataformas Digitais e Startups na Área da Educação. In *V Congresso Nacional de Educação*. São Paulo: www.conedu.com.br. Retrieved from <https://docplayer.com.br/180392217-Educacao-e-tecnologia-explorando-o-universo-das-plataformas-digitais-e-startups-na-area-da-educacao.html>
- SANTOS, I. de S. (2005). As novas Tecnologias na Educação e Seus Reflexos na Escola e no Mundo do Trabalho. In *II Jornada Internacional de Políticas Públicas* (pp. 1–7). São Luís, Brasil. Retrieved from <https://docplayer.com.br/144319-As-novas-tecnologias-na-educacao-e-seus-reflexos-na-escola-e-no-mundo-do-trabalho.html>
- SILVA, I. D. C. S., Prates, T. D. S., & Ribeiro, L. F. S. (2016). As Novas Tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala de aula. *Revista Em Debate (UFSC)*, 16(15), 107. <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2016n15p107>
- VIANNA, J. A., & FERREIRA, T. A. D. (2018). Plataforma Digital de Educação: A Percepção dos Professores. *E-Mosaicos*, 7(14), 104–120. <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2018.27928>